

ISSN 2177-2940
(Online)

ISSN 1415-9945
(Impresso)

A trajetória política de Ferreira Gullar

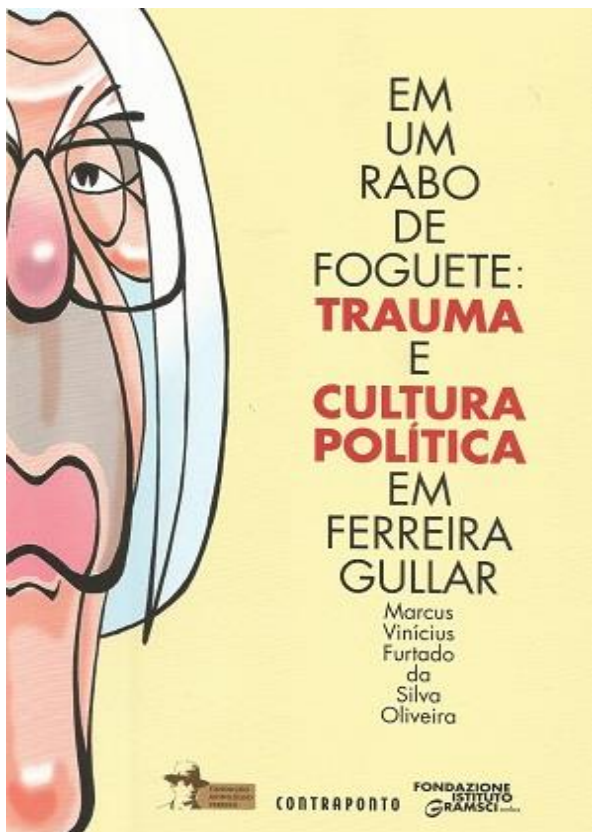
<http://dx.doi.org/10.4025.dialogos.v22i1.41611>

Victor Augusto Ramos Missiato

Doutor em História - UNESP/Franca, victor_missiato@hotmail.com

Resenha recebida em 23/02/2018. Aprovada em 02/06/2018

SILVA OLIVEIRA, Marcus Vinícius Furtado da. **Em um rabo de foguete: trauma e cultura política em Ferreira Gullar**. Brasília: Fundação Astrojildo Pereira, 2016. 178 p.



Em um de seus últimos artigos publicados na *Folha de S. Paulo*, Ferreira Gullar defendeu a necessidade de se reinventar uma nova utopia para o tempo presente: “por isso mesmo, o fim do regime comunista provocou um vazio ideológico, que necessita ser preenchido, uma vez que a sociedade humana, sem utopia, torna-se inviável”. Trata-se da última dentre tantas reviravoltas em sua saudosa trajetória intelectual. Diante disso, discutimos aqui uma das principais contribuições para esse debate, presente *Em um rabo de foguete: trauma e cultura política em Ferreira Gullar*, de Marcus Vinícius Furtado da Silva Oliveira. Neste livro, o autor procurou identificar e interpretar várias dessas reviravoltas presentes na vida intelectual do poeta e crítico literário maranhense. Notoriamente, algo que poderia enfraquecer o argumento de uma de suas teses centrais - no caso, o cancelamento das utopias em Ferreira Gullar – ao contrário, acabou por trazer ainda mais relevância para o trabalho, coincidentemente publicado no mesmo ano do texto de Gullar.

Diante dessas metamorfoses muito bem apresentadas ao longo de seus capítulos, Marcus Oliveira o qualifica como “um pensador e poeta aberto a diversas experiências políticas e estéticas, absorvendo-as de modo onívoro e

sintetizando-as esteticamente em sua poesia. Além disso, Gullar se mostra também como uma monografia do Brasil” (2016, p. 168).

Tais experiências são analisadas em todos os capítulos do trabalho. A começar pelo primeiro, quando o historiador problematiza o conceito de cultura política a partir de um diálogo com as obras de Antonio Gramsci e Reinhart Koselleck. Por parte do dirigente político italiano, Oliveira apreendeu “as condicionantes históricas do surgimento das concepções de mundo, bem como seu impacto na estruturação do consenso na sociedade”. Em relação aos ensinamentos do historiador alemão “a ideia de que as experiências humanas estão organizadas a partir da tensão entre experiência e expectativa, que, por sua vez, são determinadas pelos modos pelos quais os indivíduos experimentam seus tempos históricos” (2016, p. 39). A proposta dessa perspectiva relacional e, não menos desafiadora, é incluir o conceito de cultura política na trajetória de um intelectual, algo distinto daquilo que propuseram Almond e Verba nos anos 1960 e Serge Berstein nos anos 1990, quando ambos, a partir de diferentes perspectivas e abrangências, estiveram pensando cultura política a partir de sistemas coletivos.

O resultado dessa proposta pode ser verificado no capítulo dois “A cultura política em Ferreira Gullar (1960-1970)”, quando Marcus Oliveira analisa toda a trajetória que balizou o posicionamento político e a atividade intelectual de Gullar até o seu primeiro grande trauma, decorrente da experiência vivida no Chile. Influenciado pelos trabalhos de Koselleck, o autor procura se distanciar da perspectiva biográfica para realizar um exercício de contextualização de uma trajetória (2016, p. 41). Sendo assim, as opções feitas por Gullar decorreram de seus contatos com as culturas políticas das esquerdas brasileiras no decorrer da década de 1960, quando o poeta realizou sua primeira ruptura ao se afastar das vanguardas artísticas da década anterior. Ademais, trata-se de um período em que Gullar elabora sua

“concepção de mundo”, constituída a partir de uma expectativa revolucionária em conjunto com a noção de engajamento, tão em voga naqueles tempos. Os principais trabalhos escolhidos para demonstrar essa nova posição foram *Cultura posta em questão* (1963) e *Vanguarda e Subdesenvolvimento* (1969).

Notemos que, apesar de todas as mudanças decorrentes do golpe de 1964 no Brasil, o desenvolvimento de suas concepções políticas não sofreu maiores abalos, embora “terminaram por gerar uma alteração na rota política e poética de Gullar”. Percebemos que o poeta foi construindo sua visão em consonância com sua leitura acerca do processo de modernização que vinha ocorrendo no país. Essa relação entre experiência e expectativa não se daria da mesma maneira na década seguinte, quando Gullar enfrentou um processo traumático em sua concepção de mundo, após o golpe de 1973, no Chile.

Durante o curto governo de Jânio Quadros (1961), Ferreira Gullar foi convidado e assumiu a chefia da Fundação Cultural do Distrito Federal. Tal acontecimento na vida do poeta promoveu “uma guinada em sua trajetória poética” e iniciou seu caminho no campo da atividade política:

A nova capital da República, naquele momento, era o local ideal para que essa aproximação ocorresse, uma vez que na visão de Gullar, a cidade se configurou como uma síntese entre o erudito da arquitetura moderna de Oscar Niemeyer e Lúcio Costa e o popular dos candangos vindos de inúmeras partes do Brasil. Na nova capital, portanto, retoma o contato com a cultura popular, percebendo o quanto sua arte encontrava-se desligada do povo e da cultura brasileira (OLIVEIRA, 2016, p. 54-55).

Esse encontro com o popular em Brasília é notório, pois ele se dá em uma nova capital, moderna e modernizante. O povo, aqui, passa a ter sentido enquanto povo brasileiro desenhado através de linhas influenciadas por um comunismo enquanto projeto global de

modernidade alternativa ao sistema capitalista (PONS, 2014). A partir daí, seus poemas não mais explorariam fundamentalmente os problemas formais de sua realização, mas sim os problemas sociais decorrentes do caráter “classista e imperialista da cultura brasileira” (OLIVEIRA, 2016, p. 55). Em decorrência dessa leitura de mundo, o golpe de 1964 viria se tornar um combustível a mais para o projeto artístico de Gullar.

Assim que eclodiram as primeiras horas do movimento golpista, Gullar decidiu se filiar ao PCB como forma de resistir ao novo regime instaurado. Nesse momento, houve uma reorientação em seus trabalhos artísticos, o que não significou uma ruptura. Tratou-se de uma revisão, uma autocrítica orientada pela percepção de distanciamento entre intelectuais e povo pré-1964: “Com essa percepção, os artistas iniciaram novas discussões no intuito de criar uma forma de fazer artístico que conseguisse reunir uma alta qualidade estética, sem ser formalista e que não abandonasse o conteúdo político” (OLIVEIRA, 2016, p. 87-88). A partir daí, houve um deslocamento da conceptualização de cultura popular para cultura de massa, quando Gullar percebe o sentido da modernização na sociedade capitalista. Essa mudança acabou por definir os sentidos da resistência na década de 1960, aproveitando-se do caráter de massas da cultura em relação ao uso de uma nova linguagem artística de transmissão de uma visão revolucionária. Como exemplo, abria-se a janela política para o cinema enquanto transmissor das contradições daquela realidade.

Nos anos 1960, então, as transformações decorrentes das mudanças de conjuntura na política brasileira, bem como as novas filiações artísticas e políticas feitas por Ferreira Gullar, reorientaram os sentidos da revolução em seus trabalhos, originando uma experiência de tempo revolucionária e redentora. O Brasil de Gullar tinha salvação. O Brasil do PCB atravessava um processo de modernização. A utopia era

possível.

Contudo, a “desconstrução” de todo esse arcabouço teórico e político viria ocorrer no exílio de Gullar no Chile, em maio de 1973 e, posteriormente, com o trauma do golpe também vivenciado na Argentina. A discussão em torno desse processo balizou o último capítulo - *O exílio como trauma: a desconstrução das culturas políticas*. As fontes requisitadas por Marcus Oliveira foram os ensaios *Indagações de hoje* (1989), percorrendo textos escritos entre os anos 1971 e 1985; *Sobre arte e sobre poesia*, outra coletânea, que abarcou textos entre os anos 1978 e 1982; e, por fim, a narrativa memorialística *Rabo de foguete: os anos do exílio*, publicada em 1998.

A seleção desses textos não foi feita apenas por uma questão de produção e/ou relação cronológica com o debate proposto. Conforme proposto pelo autor, trata-se de relacionar o processo de construção da *memória* a partir dos *traumas* vivenciados pelo poeta. Desse modo, o tempo presente e o tempo passado passam a ser (des)construídos tendo em vista a maneira como Gullar selecionou e construiu sua trajetória, criando, assim, campos de confrontos entre memória, história e narrativa: “Compreendendo o trauma enquanto um passado que se presentifica, o ato de rememorar passa a ser condicionado pelas feridas abertas pelo trauma, de modo que a releitura operada pelo tempo da memória é condicionada pela reatualização constante dos traumas” (OLIVEIRA, 2016, p. 116).

Sendo assim, foi a partir do trauma decorrente do golpe no Chile, que a utopia aparecia para Gullar como “a anulação completa das possibilidades”. A experiência chilena, ao invés de reforçar a dimensão do futuro, acabou por fortalecer a dimensão do tempo passado, desnudando a possibilidade das expectativas e desconstruindo tudo aquilo que foi gestado pelo intelectual na década de 1960. A clandestinidade e, posteriormente, o exílio foram mobilizando o exercício de desconstrução por parte de Gullar. No entanto, esse caminho não se deu pela crítica

tradicional da esquerda latino-americana dos anos 1970. Ao contrário das leituras que responsabilizavam o imperialismo norte-americano e as burguesias nacionais pela implantação de ditaduras na região, Gullar identificou um fenômeno mais amplo, quer seja, “um processo de radicalização política, dentro do qual as esquerdas assumiram papel preponderante” (p. 122).

O trágico fim da via pacífica chilena desmoronou o sonho comunista de Gullar e a perspectiva da utopia enquanto projeto político. Segundo suas próprias palavras, ele agora conhecia o resultado de sua utopia comunista: “a derrota”. Juntamente com esse desencanto, no decorrer da década de 1980, o mito da sociedade comunista soviética também entrou em processo de auto implosão, resultando em uma ruptura definitiva com a revolução e com o socialismo, enquanto projeto de poder e utopia. Em seu lugar, Gullar adotou uma concepção de mundo reformista no campo das ideias e pragmática em relação ao modo de produção capitalista. Segundo Marcus Oliveira, o posicionamento de Gullar a partir dos anos 1990 apresentou-se como reflexo de um debate mais amplo nas esquerdas brasileiras: “essa trajetória se mostra capaz de iluminar um processo de transição das esquerdas brasileiras que ainda se encontra incompleto. Mesmo com a modernização da sociedade, ainda há uma parcela significativa das esquerdas no Brasil que se recusa aderir ao moderno” (2016, p. 170).

Até o dia 13 de novembro de 2016, era essa a análise mais completa para se pensar a relação de Ferreira Gullar com as utopias. Infelizmente, menos de um mês da publicação de “Fim do comunismo gerou vazio ideológico que precisa ser preenchido”, um dos principais poetas do Brasil encerrava suas atividades nesse mundo. Por outro lado, ressaltamos o vigor em analisar essa complexidade no pensamento de Gullar, proposto por Marcus Oliveira. Entre o texto de Gullar na *Folha* e o livro recém-publicado fica aqui a certeza de que o fim dessa história não acabou, assim como a

modernidade continua a gestar novas questões e projetos.

Referências

PONS, Silvio. **A Revolução Global: a história do comunismo internacional (1917-1991)**. Rio de Janeiro: Contraponto; Brasília: Fundação Astrojildo Pererira, 2014. 576 p.